

Carta a Dostoievski Crônica sobre leituras de um autor¹

Recebido em 07-10-2015

Aceito para publicação em 15-02-2016

Beatriz dos Santos de Medeiros²

241

Prezado Fiódor,

Foi muito por acaso que resolvi ler um livro seu. Estava em casa, doente em todos os aspectos e sem dinheiro para um livro novo, e me deparei com o seu *Crime e Castigo*. Convivo com ele desde criança. Aquela capa dura marrom imitando couro com um desenho dourado do perfil da Catedral de São Basílio nunca me chamou atenção. O título também não me agradava... Imaginava algo meio cristão.

Porém aconteceu. Abri o seu livro e nas duas primeiras páginas eu já pertencia a ele. E a cada página que eu lia e a cada pensamento e dúvida de Raskólnikov eu entendia melhor a fantasia que existe por trás do seu livro.

Não o terminei. Você sabe bem... Fiquei ainda mais doente. E com a personalidade tão frágil e fragmentada não podia mais continuar me vendo a fazer o que Raskólnikov fez e sofrer o que ele sofria. Minha culpa, não sua. Até hoje penso diariamente em retomar a leitura exatamente do ponto no qual parei. Pois não esqueci nada... Mas ainda não estou no momento. Ainda ando um pouco perturbada pelos meus próprios pensamentos, e minha personalidade, embora mais sólida, ainda absorve muito do que vejo e do que leio.

¹ Esta crônica, conta a relação da autora com os livros lidos de Dostoievski (1848, 1864, 1866, 1876, 1877) e seus próprios percursos pessoais, principalmente seus transtornos emocionais. Relacionando os personagens dos livros com os fragmentos da sua identidade e as características dos personagens com os sintomas dos seus transtornos.

² Bacharel em História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente curso o Mestrado em História e crítica da arte na mesma instituição. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: beatrizsmdr@gmail.com

Você criou, Fiódor, o personagem de literatura com quem mais me identifiquei. O próprio Raskólnikov, é claro!. Eu, assim como ele, também sou cingida, fragmentada, incompleta, sofro com a minha própria culpa, com o meu próprio pensamento e não sei até onde posso chegar. E se quer saber, invejo, assim como acho que Rodion invejava, todos os Razumikhins que conheço. Queria ser assim, determinada a agir e pensar somente pela razão.

Mas deixemos de lado, por um momento, *Crime e Castigo*... Recentemente, terminei de ler suas *Dois Narrativas Fantásticas*. Tanto *A Dócil* quanto *O Sonho de um homem ridículo* encantaram-me profundamente. Desconfio eu que o Senhor é, na realidade, o verdadeiro precursor do fluxo de consciência. Já desconfiava disto desde *Crime e Castigo*... *As Duas Narrativas Fantásticas* são os dois únicos monólogos que consegui ler até hoje.

Estou agora lendo *Noites Brancas*. E quando o seu personagem, cujo nome ainda desconheço, descreve a forma como as casas o cumprimentavam lembrei de mim mesma. Sabe, houve um momento na minha vida em que eu tinha a impressão de que os objetos queriam falar comigo, de que eles tentavam a todo custo me comunicar alguma coisa. Tudo significava. Não que não signifique mais, mas me preocupo menos. Naquela época tomei um remédio. Os objetos se calaram. Se quer saber, prefiro assim. Mas fiquei feliz em ver alguém, mesmo que um personagem de livro, passando por algo semelhante. Melhor ainda, ele passa por isso sem se assustar, sem achar que está ficando louco. Ele simplesmente lamenta que a simpática casa cor de rosa tenha sido pintada de amarelo. Talvez eu devesse ter feito exatamente isso. Talvez eu devesse simplesmente ter lamentado que a configuração do número dos ônibus me parecesse tão triste.

Fico por aqui, Fiódor. Ainda tenho em mente que lerei, ainda esse mês, *Memórias do subsolo*. E, se quando terminar sentir necessidade, escrevo-lhe novamente. Queria agradecer-lhe por fazer-me mais normal, mais humana, menos aberração e mais fruto de mim mesma.

Cordialmente,

Beatriz Medeiros